

## A ESCRITA CRIATIVA COMO FERRAMENTA DE INCENTIVO À LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

Samuel Di Pietro Oliveira (UEL)

**RESUMO:** O presente artigo analisa e relata o uso da escrita criativa como instrumento de incentivo à literatura no ensino médio, destacando sua importância na formação dos alunos. Reflete-se sobre como a prática da escrita criativa pode ser integrada às aulas de Língua Portuguesa, promovendo o desenvolvimento crítico e estético dos estudantes, e propõem-se estratégias acessíveis e eficazes para sua aplicação em sala de aula. A abordagem interdisciplinar sugerida integra produção textual, leitura literária e gramática, com atividades que estimulam a criatividade dos alunos, fortalecem sua relação com a literatura e os reconhecem como autores de suas próprias produções. Os resultados esperados indicam que a prática da escrita criativa contribui significativamente para o letramento literário, bem como para o desenvolvimento das competências interpretativas e expressivas dos estudantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita criativa, literatura, ensino médio, letramento

### 1 Introdução

A literatura, enquanto arte e manifestação cultural, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento crítico e da sensibilidade estética dos estudantes. No entanto, o ensino tradicional muitas vezes afasta os alunos desse universo, tornando a leitura e a escrita meros exercícios técnicos voltados para avaliações e vestibulares. Nesse contexto, a escrita criativa surge como uma ferramenta pedagógica capaz de transformar essa realidade, promovendo o protagonismo discente e despertando o interesse pela literatura. Ao permitir que os alunos experimentem diferentes formas narrativas e desenvolvam suas próprias produções, a escrita criativa possibilita uma imersão mais profunda nos processos de construção textual, aproximando-os das escolhas estilísticas e estruturais dos autores.

Este artigo analisa o impacto da escrita criativa no ensino médio, evidenciando como sua prática pode fortalecer a relação dos estudantes com a literatura. A partir da integração entre produção textual, leitura literária e gramática, busca-se demonstrar que a criação narrativa contribui não apenas para o desenvolvimento da expressão escrita, mas também para o letramento literário e a interpretação crítica de textos. Além disso, discute-se a importância

de metodologias ativas que incentivem a autonomia dos alunos e os reconheçam como produtores de sentido, ressignificando a experiência da leitura e tornando-a mais envolvente.

Ao longo do estudo, serão abordadas estratégias acessíveis para a implementação da escrita criativa em sala de aula, bem como seus impactos na valorização da literatura entre os estudantes. A reflexão proposta reforça a necessidade de repensar as práticas pedagógicas tradicionais, promovendo abordagens que estimulem a criatividade e transformem a escrita em uma atividade significativa e prazerosa.

## **2 O que é escrita criativa?**

A escrita criativa é compreendida como uma prática que transcende a mera produção textual, configurando-se como um espaço de encontro entre imaginação, técnica e reflexão crítica. Segundo Karen Lockney (2012), ela abrange um amplo espectro de possibilidades, desde textos ficcionais até não ficcionais, e "pode ser publicada por grandes editoras ou trancada na gaveta para nunca ser lida por ninguém que não seja o autor", envolvendo tanto escritores consagrados quanto crianças em idade escolar. João de Mancelos (2009) reforça essa visão ao defini-la como o "estudo crítico, na transmissão e no exercício de técnicas utilizadas por escritores [...] para a elaboração de textos literários ou não literários", integrando experimentação e referências culturais diversas. Sob a ótica de Vigotski, a escrita criativa é um instrumento de desenvolvimento de funções psicológicas superiores, estimulada por um ambiente que valoriza a imaginação e a expressão emocional, permitindo que o indivíduo elabore sua relação com o mundo e consolide sua voz autoral. Na educação, como destacam Tauveron (2014) e Zappone (2008), ela assume papel emancipatório, transformando alunos em autores capazes de explorar a linguagem de forma crítica e estética, rompendo com a "pedagogia do silenciamento" e promovendo o letramento literário. Assim, mais que um dom, a escrita criativa é uma prática social e pedagógica que articula criatividade, técnica e diálogo com a cultura.

Em síntese, a escrita criativa pode ser entendida como a junção entre a liberdade inventiva e a habilidade técnica na construção de textos que exploram, de maneira única, emoções, experiências e perspectivas. Ela serve não apenas como um meio de expressão artística e pessoal, mas também como uma ferramenta de questionamento e transformação, estimulando a reflexão crítica e a conexão com diferentes dimensões culturais e sociais. A

ideia de que escrever bem é fruto exclusivo de um dom natural é uma concepção que desconsidera o caráter pedagógico e técnico envolvido no processo criativo. Como afirma Paul Dawson (2005, p. 21-22), a Escrita Criativa é “uma disciplina, ou seja, um corpo de conhecimento e um conjunto de práticas pedagógicas que operam por meio da oficina literária e estão inseridas no espaço institucional de uma universidade”. Essa definição reforça que a escrita de qualidade não surge espontaneamente, mas é construída por meio de estudo sistemático, experimentação e reflexão crítica. Oficinas literárias, exercícios de reescrita, análise de textos canônicos e o domínio de técnicas narrativas evidenciam que a habilidade de escrever se aprimora com a prática orientada, a imersão em referências culturais e a internalização de ferramentas expressivas. Assim, mais que um talento inato, a escrita é uma competência desenvolvida pela dedicação ao aprendizado contínuo, pela interação com comunidades literárias e pela disposição de revisitar e refinar suas próprias produções.

### **3 Desinteresse pela literatura**

No ensino médio, observa-se um crescente desinteresse dos alunos pela literatura, o que representa um desafio para a formação crítica e cultural dos estudantes. Esse fenômeno pode ser atribuído, em grande parte, à falta de hábito de escrita entre os jovens. Sem praticar a escrita de maneira regular, os alunos têm dificuldade em compreender a complexidade dos textos literários e, conseqüentemente, não conseguem apreciar a profundidade das obras e a importância dos escritores. A escrita é uma ferramenta fundamental para internalizar as estruturas, os simbolismos e as nuances presentes na literatura. Quando os estudantes não se engajam na produção textual, acabam por enxergar os livros apenas como conteúdos a serem decorados para cumprir uma obrigação escolar, e não como fontes de conhecimento e experiência estética.

Além disso, essa carência de prática escrita contribui para uma desvalorização dos autores e de suas obras, pois os alunos não estabelecem uma conexão pessoal com a criação literária. A ausência de estímulo para a escrita criativa impede que os estudantes desenvolvam a sensibilidade necessária para interpretar criticamente os textos, levando-os a uma leitura mecânica e descontextualizada. Essa situação é agravada por metodologias pedagógicas ultrapassadas e por currículos que não incentivam a expressão pessoal, restringindo a literatura a uma disciplina normativa e desprovida de espaço para o debate e a criatividade.

Outro fator que intensifica esse cenário é a influência das tecnologias digitais, que promovem a leitura de informações em formatos curtos e fragmentados, reduzindo a capacidade de concentração e o interesse por obras literárias mais densas. Assim, o desinteresse pela literatura acaba se traduzindo em uma perda de oportunidades para o desenvolvimento de habilidades críticas, reflexivas e comunicativas, essenciais para a cidadania e o exercício pleno da cultura.

Portanto, é urgente repensar as práticas de ensino de literatura, promovendo atividades que integrem leitura e escrita criativa, de modo a despertar nos alunos o prazer pela leitura e a capacidade de interpretar, dialogar e transformar a realidade por meio do conhecimento literário.

#### **4 Protagonismo do aluno**

O protagonismo do aluno emerge como um elemento transformador no cenário educacional atual, especialmente no ensino de literatura. Conforme evidenciado nos documentos fornecidos, essa abordagem incentiva os estudantes a assumirem um papel ativo na construção do conhecimento, permitindo que eles interpretem, questionem e dialoguem com os textos literários. Ao romper com metodologias passivas, o protagonismo promove a autonomia e a criatividade, essenciais para superar o desinteresse e a superficialidade que marcam o ensino médio. Essa postura ativa não só estimula o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas, como também fortalece a identidade cultural e o senso de cidadania dos alunos. Ao serem desafiados a produzir e compartilhar suas interpretações, os estudantes constroem uma relação mais íntima e pessoal com a literatura, transformando a sala de aula em um espaço dinâmico de troca de ideias. Dessa forma, o protagonismo do aluno torna-se instrumento vital para a formação de leitores críticos, cidadãos conscientes e socialmente engajados.

#### **5 Relato das aulas**

Ao longo do curso, foram realizados oito encontros, organizados de forma progressiva para garantir a assimilação e a aplicação dos conceitos. Os três primeiros encontros foram dedicados à explicação dos fundamentos da literatura e da escrita criativa, estabelecendo uma

base teórica essencial para os alunos. Nos quatro encontros seguintes, os estudantes se dedicaram à produção e ao desenvolvimento de textos, aplicando as técnicas estudadas e explorando diferentes estilos narrativos. Por fim, no oitavo e último encontro, foi realizado um momento de encerramento, no qual os alunos compartilharam suas produções, refletiram sobre o processo de aprendizagem e discutiram os avanços obtidos ao longo do curso.

Na primeira aula, foram apresentadas as bases teóricas da literatura e os conceitos fundamentais da escrita. O professor iniciou a aula definindo os elementos essenciais de uma narrativa, como personagens, enredo, cenário e conflito, além de discutir a importância dos gêneros literários e da escrita criativa. Foram expostos exemplos práticos que ilustraram como a leitura e a produção textual se complementam, destacando a relevância de se compreender a estrutura dos textos para desenvolver uma escrita crítica. O objetivo principal desse encontro foi estabelecer uma base sólida de conhecimentos que serviria de alicerce para as aulas seguintes.

Na segunda aula, após uma breve revisão dos conceitos abordados inicialmente, os alunos passaram a analisar contos de autores diversos. Essa atividade prática teve como finalidade aplicar os conhecimentos teóricos por meio da leitura crítica e discussão em grupo dos textos selecionados. Durante o encontro, os estudantes identificaram os elementos narrativos presentes nos contos, compararam estilos de escrita e refletiram sobre as intenções dos autores. A troca de ideias e a participação ativa reforçaram o protagonismo dos alunos no processo de aprendizagem, incentivando-os a questionar e reinterpretar os textos.

Na terceira aula, a análise dos contos foi aprofundada e integrada a atividades de produção textual. Os alunos foram desafiados a criar narrativas inspiradas nos estilos dos autores estudados, o que permitiu uma síntese entre teoria e prática. Essa abordagem colaborativa e interativa possibilitou o desenvolvimento de habilidades críticas, criativas e interpretativas. Ao final do ciclo de três aulas, ficou evidente que os estudantes haviam construído uma base consistente de conhecimentos literários e de escrita, preparando-os para os desafios das próximas etapas do curso.

No quarto encontro, os alunos deram o pontapé inicial na prática da escrita literária, produzindo o primeiro texto que serviria de base para as atividades subsequentes. Inspirados pelos estudos de Barth, Silva e Trevejo (2019) e pelos princípios da Escrita Criativa destacados por Amabile (2007), os estudantes foram convidados a escrever uma narrativa em primeira pessoa, assumindo a voz do protagonista. Essa abordagem tinha como objetivo

promover a interiorização dos sentimentos e das experiências, transformando a escrita em um espaço de autoconhecimento e expressão pessoal.

Durante a atividade, os alunos tiveram a tarefa de construir uma história fictícia que refletisse, de maneira simbólica, aspectos de suas vivências ou imaginações. Inicialmente, muitos demonstraram certa dificuldade em abandonar a escrita descritiva e superficial, revelando desafios na criação de uma voz narrativa autêntica. A orientação do professor foi crucial nesse processo: por meio de debates, exercícios de brainstorming e análises de exemplos literários, os alunos foram encorajados a explorar suas emoções e a expressá-las de forma coerente e envolvente.

Com o tempo, a produção textual começou a ganhar forma. Os textos, embora ainda imperfeitos em termos de coesão e aprofundamento de ideias, já evidenciavam uma tentativa de articulação entre sentimento, memória e imaginação. Esse primeiro exercício permitiu que os alunos percebessem que a escrita não é um mero exercício mecânico, mas um processo criativo e dinâmico, que exige revisão e experimentação. Assim, apesar das dificuldades iniciais — como a tendência de recorrer a fórmulas preestabelecidas ou a falta de clareza na exposição dos pensamentos —, o quarto encontro marcou um avanço significativo no protagonismo dos estudantes como autores de suas próprias narrativas. Essa experiência inicial será fundamental para as transformações que ocorrerão nos encontros seguintes, onde a mesma história será recontada sob novas perspectivas.

No quinto encontro, a aula iniciou com os alunos dispostos em roda, criando um ambiente propício para a troca de ideias e experiências. Cada estudante leu trechos do texto produzido no encontro anterior, no qual haviam trabalhado a narrativa em terceira pessoa e sem restrições. Esse momento de partilha permitiu que os colegas comentassem as dificuldades encontradas e ressaltassem os pontos fortes de suas produções, incentivando uma reflexão coletiva sobre a importância de transmitir emoções e vivências autênticas através da escrita. Alguns alunos destacaram que, ao ouvir as versões dos colegas, perceberam nuances e possibilidades que ainda não haviam explorado, o que despertou a curiosidade e o desejo de aprofundar a expressão dos sentimentos.

Após esse enriquecedor momento de leitura em grupo, o professor desafiou os estudantes a reescreverem suas histórias, transformando a narrativa em primeira pessoa, mas com ênfase maior na afloração dos sentimentos dos personagens. O objetivo era ir além da simples exposição dos acontecimentos, estimulando-os a utilizar recursos literários—como

metáforas, descrições sensoriais e diários íntimos—para revelar a intensidade das emoções e a complexidade do mundo interior dos protagonistas. Durante a reescrita, muitos alunos enfrentaram desafios para encontrar o equilíbrio entre a narrativa e a expressão emocional; alguns sentiram dificuldade em não exagerar nas descrições, enquanto outros lutaram para manter a coesão do texto ao integrar novas camadas emocionais.

Com o apoio do professor e a troca contínua de feedback entre os colegas, os alunos foram gradualmente aprimorando suas versões. Ao final do encontro, as produções evidenciaram um progresso notável: as narrativas passaram a mostrar uma voz mais autêntica e um aprofundamento significativo dos sentimentos, demonstrando que o exercício de reescrita não só fortaleceu as habilidades de escrita, mas também incentivou o autoconhecimento e a sensibilidade emocional dos estudantes.

No sexto encontro, os alunos iniciaram a aula novamente em roda, compartilhando suas versões aprimoradas dos textos em primeira pessoa. O que chamou a atenção foi o aumento significativo de alunos falantes, demonstrando maior confiança em suas produções e um envolvimento mais profundo com o processo de escrita. Durante a leitura, muitos destacaram como haviam conseguido aprofundar os sentimentos dos personagens e dar maior fluidez à narrativa. As trocas de impressões entre os colegas se tornaram mais ricas, e alguns começaram a sugerir ajustes e possibilidades narrativas para os textos alheios, evidenciando um amadurecimento na forma de pensar a escrita.

Após esse momento de partilha, o professor lançou um novo desafio: reescrever a história a partir do ponto de vista de um personagem secundário. A proposta exigia que os alunos reestruturassem a narrativa completamente, reconsiderando os acontecimentos sob uma nova ótica e explorando como a visão de um coadjuvante poderia revelar aspectos da trama antes não percebidos. Essa mudança exigiu dos estudantes uma reflexão sobre a subjetividade da narrativa e a construção de múltiplas camadas interpretativas dentro do mesmo enredo.

Durante a reescrita, surgiram desafios. Muitos alunos encontraram dificuldades em desvincular a nova versão do texto original, mantendo a voz do antigo protagonista ainda muito presente. Outros se surpreenderam com a complexidade de dar profundidade a um personagem que, até então, era apenas um observador passivo da história. Com o apoio do professor e discussões em pequenos grupos, os alunos foram encontrando estratégias para tornar o novo narrador mais autêntico e dar-lhe uma perspectiva única.

Ao final do encontro, percebeu-se um avanço significativo na compreensão de que uma mesma história pode ser transformada apenas ao mudar quem a conta. Essa atividade não só estimulou a criatividade e a empatia, como também fez os alunos perceberem o impacto da perspectiva narrativa na construção do enredo.

No sétimo encontro, os alunos mais uma vez se reuniram em roda para compartilhar suas versões reescritas da narrativa, agora sob a perspectiva de um personagem secundário. O crescimento na confiança e no envolvimento dos estudantes tornou-se ainda mais evidente, com um número maior de participantes comentando não apenas sobre seus próprios textos, mas também dando sugestões e observações sobre os trabalhos dos colegas. O debate girou em torno de como a mudança de narrador influenciou o desenvolvimento da história e como a mesma trama pode ganhar novos significados dependendo de quem a conta.

Após esse momento de troca, o professor apresentou o desafio da aula: os alunos deveriam reescrever novamente suas histórias, mas desta vez adaptando o cenário e a ambientação para um contexto medieval. Essa proposta exigia que os estudantes revissem não apenas a descrição dos espaços, mas também os costumes, o vocabulário e a forma como os personagens interagiam dentro dessa nova realidade. Castelos, feudos, aldeias e tavernas começaram a tomar forma nos textos, e elementos como cavaleiros, mercadores e reis passaram a compor as novas versões da narrativa.

O maior desafio enfrentado pelos alunos foi adaptar o estilo da linguagem, já que muitos ainda recorriam a expressões e diálogos contemporâneos. O professor incentivou o uso de referências históricas e a experimentação de um tom mais formal, além de sugerir a leitura de trechos de narrativas medievais como inspiração. Com o tempo, os estudantes passaram a se sentir mais confortáveis com a proposta, conseguindo construir atmosferas mais condizentes com a nova ambientação.

Ao final da aula, os alunos perceberam como a mudança de cenário pode alterar completamente a percepção da história e das motivações dos personagens. Essa atividade não apenas ampliou a criatividade dos estudantes, mas também reforçou a importância da ambientação na construção narrativa, preparando-os para os desafios do encontro final.

O oitavo e último encontro marcou o encerramento do projeto de escrita criativa com uma proposta livre e festiva. Os alunos foram desafiados a elaborar um conto completamente novo, aplicando todos os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso. A liberdade temática permitiu que cada um explorasse seu estilo próprio, revisitando elementos narrativos

trabalhados nos encontros anteriores, como diferentes perspectivas de narrador, ambientação detalhada e aprofundamento emocional dos personagens.

O encontro iniciou com um momento de escrita individual, no qual os alunos se dedicaram à finalização de seus contos. Alguns escolheram manter os estilos narrativos que mais gostaram nos exercícios anteriores, enquanto outros optaram por experimentar novas abordagens. O professor auxiliou no processo, incentivando reflexões sobre estrutura, fluidez e impacto das histórias. Conforme terminavam, os alunos compartilhavam trechos com os colegas, recebendo sugestões e feedbacks em um ambiente de colaboração e incentivo mútuo.

Além da produção dos contos, cada estudante confeccionou um marcador de página temático inspirado em sua história. A ideia era transformar esse elemento em um presente simbólico para um amigo secreto realizado ao final da aula. Os alunos utilizaram diferentes materiais e técnicas, personalizando os marcadores com desenhos, frases e referências aos seus próprios contos, tornando a experiência ainda mais significativa.

No momento de encerramento, cada aluno apresentou brevemente seu conto e entregou seu marcador de página ao amigo secreto, promovendo um clima de celebração e reconhecimento pelo esforço coletivo ao longo do projeto. O encontro finalizou-se com a valorização das conquistas dos estudantes, que não apenas aprimoraram suas habilidades narrativas, mas também fortaleceram sua confiança como escritores. Esse desfecho reforçou a importância da criatividade e da partilha, encerrando a jornada da escrita com entusiasmo e inspiração.

## **6 Conclusão**

A conclusão desse projeto de escrita criativa evidenciou um impacto significativo na relação dos alunos com a literatura. Ao longo dos encontros, cada exercício os levou a compreender, na prática, os desafios e as decisões que um escritor enfrenta ao construir uma narrativa. Ao explorar diferentes perspectivas narrativas, modificar ambientações e aprofundar a expressão emocional dos personagens, os estudantes perceberam que a criação literária vai além de simplesmente contar uma história: envolve técnica, sensibilidade e intencionalidade. Esse processo contribuiu para que desenvolvessem um olhar mais atento sobre as obras que leem, reconhecendo nelas elementos que antes passavam despercebidos. Com isso, a literatura deixou de ser vista apenas como um conteúdo obrigatório da escola e passou a ser apreciada

como uma forma de expressão artística complexa e envolvente. Além disso, a experiência de compartilhar textos e receber feedback dos colegas fortaleceu o senso de comunidade e incentivou o protagonismo dos estudantes na construção do próprio aprendizado. Ao final do projeto, ficou evidente que a prática da escrita criativa não apenas melhorou a habilidade de escrita dos alunos, mas também ampliou sua capacidade de interpretação e análise literária. A compreensão dos processos narrativos e da construção de histórias resultou em uma maior admiração pela arte literária, tornando-os leitores mais críticos e engajados. O encerramento festivo, com a troca de contos e marcadores de página, consolidou esse novo olhar para a literatura, mostrando que escrever e ler são experiências complementares e enriquecedoras. Assim, o projeto alcançou seu objetivo principal: transformar a relação dos alunos com a literatura, fazendo com que passassem a enxergá-la não apenas como uma disciplina escolar, mas como uma manifestação artística valiosa e acessível a todos.

## REFERÊNCIAS

AMABILE, L. R. Do que estamos falando quando falamos de Escrita Criativa. **Revista Criação & Crítica**, n. 28, p. 132–149, 22 dez. 2020.

BARTH, Pedro Afonso; SFORDI DA SILVA, Leonardo Vinícius; TREVEJO, Diego Sanches Martins. A escrita literária como ferramenta de ensino de Literatura. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 9, n. 21, 16 Dez 2019 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/12663>. Acesso em: 9 fev 2025

DAWSON, Paul. **Creative Writing and the New Humanities**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2005.

LOCKNEY, Karen. Creativity across the Curriculum: Creative Writing beyond English. **English Drama Media** (2012), p. 43-46.

MANCELOS, J. **Introdução à escrita criativa**, Lisboa: Edições Colibri, 2009.

SANTOS, E. R. DOS. Desinteresse escolar: revisão de literatura (2007–2021) em teses, dissertações e artigos de periódicos da América Latina. **Revista Brasileira de Educação**, v. 29, 2024.

TAUVERON, Catherine. A escrita “literária” da narrativa na escola: condições e obstáculos. **Educar em revista**, n. 52, Curitiba: Editora UFPR, abr./jun. 2014. p. 85-101.

ZAPPONE, M. H. Y Formas Ficcionalis Contemporâneas e Educação Literária. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC. 11. Anais [s.n]. São Paulo, 2008.